

# Anarquismo: produção historiográfica, inflexões teórico-metodológicas e novas abordagens

Anarchism: historiographical production, theoretical-methodological inflections and new approaches

Carlo Romani\*

**Resumo:** O estudo do anarquismo e do movimento anarquista no Brasil, como fenômeno social e expressão da cultura libertária, foi realizado sistematicamente por diferentes áreas do conhecimento, como a História, as Ciências Sociais e a Educação, desde a década de 1970. Este balanço historiográfico está dividido em dois períodos cronológicos. Inicialmente será apresentada uma revisão da principal produção acadêmica realizada no Brasil, desde a década de 1970 até o início do novo século, acompanhada de uma análise da mudança de enfoques e abordagens que ocorreram no decorrer desses anos. Em seguida, será apresentado um breve balanço da produção ocorrida no novo século, com análises impactadas pela chegada da *global turn* e das abordagens transnacionais. Esse deslocamento temático permitiu a consolidação do campo de estudos sobre o anarquismo e a cultura libertária, compreendida de modo mais amplo, com a possibilidade de construção de uma epistemologia própria.

**Palavras-chave:** anarquismo; historiografia; cultura política.

**Abstract:** The study of anarchism and the anarchist movement in Brazil, as a social phenomenon and the expression of the libertarian culture, has been carried out systematically by different areas of knowledge such as History, Social Sciences and Education since the 1970s. This historiographical review is divided into two chronological periods. Initially, a review of the main academic production in Brazil from the 1970s to the beginning of the new century will be presented, accompanied by an analysis of the changes in focus and approaches that have taken place over the years. This will be followed by a brief assessment

---

\* Doutor em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), atuando na graduação e na pós-graduação. E-mail: carlo.romani@unirio.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9902-0401>.

of the production that took place in the new century, with analyses impacted by the arrival of the global turn and transnational approaches. This shift has allowed the field of studies on anarchism and libertarian culture, to consolidate more broadly, with the possibility of building its own epistemology.

**Keywords:** anarchism; historiography; political culture.

## Revisão historiográfica e inflexões na produção brasileira dos anos 1970 a 2000

O ESTUDO DO ANARQUISMO e do movimento anarquista no Brasil como fenômeno social e da cultura libertária de modo mais amplo, para além dos trabalhos clássicos produzidos como memória individual e social, ou como reflexão teórica e histórica, por ativistas do próprio movimento como José Oiticica, Edgard Leuenroth, Edgar Rodrigues e Everardo Dias,<sup>1</sup> entre outros nomes consagrados, foi realizado sistematicamente por diferentes áreas do conhecimento, como a História, as Ciências Sociais e a Educação, desde a década de 1970. Apresentaremos uma breve revisão da principal produção acadêmica realizada no Brasil desde essa época até o início do novo século, acompanhada de uma análise da mudança de enfoques e abordagens que ocorreram no decorrer desses anos.<sup>2</sup>

Inicialmente, foram os estudos feitos sobre o sindicalismo e as lutas sociais dos trabalhadores na Primeira República que identificaram o primeiro movimento operário brasileiro, surgido nas grandes capitais, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, com o anarquismo. Essas pesquisas gerais, que já se encontravam em andamento na produção acadêmica uspiana sobre o sindicalismo dos anos 1960,<sup>3</sup> ganharam um primeiro esforço empírico com as obras do brasilianista John W. F. Dulles e em seguida com os trabalhos desenvolvidos por Boris Fausto no início da década de 1970.<sup>4</sup> Esses autores estavam ainda bastante preocupados em desvendar temas gerais; a saber, uma história

1 OITICICA, José. **A doutrina anarquista ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Germinal, 1945. LEUENROTH, Edgard. **Anarquismo roteiro da libertação social**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963. RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969. RODRIGUES, Edgar. **Nacionalismo e cultura social (1913-1920)**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972. RODRIGUES, Edgar. **Novos rumos**. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1976. RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. 5 vol. Rio de Janeiro: VJR, 1994-1997. DIAS, Everardo. **História das lutas sociais no Brasil**. São Paulo: Egladit, 1962.

2 Não pretendemos neste balanço fazer uma listagem complexiva da produção historiográfica sobre o anarquismo no Brasil por ser muito extensa e heterogênea. Optamos por realizar uma apresentação daqueles trabalhos que consideramos mais relevantes, ou que foram representativos, em nossa concepção, das diferentes abordagens produzidas durante esse período que vai do início da década de 1970 até a primeira década do novo milênio. Um estudo detalhado e específico sobre a historiografia da década de 1980 encontra-se em VIANA, Allyson Bruno. **Historiografia e atuação libertária: a produção dos anos 1980**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

3 SIMÃO, Azis. **Sindicato e estado, suas relações na formação do proletariado de São Paulo**. São Paulo: Dominus, 1966. RODRIGUES, Leôncio M. **Conflito industrial e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Difel, 1966.

4 DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil**. 1900-1935. São Paulo: Nova Fronteira, 1977. FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo: Difel, 1976.

da gênese das esquerdas brasileiras, anarquista e comunista, nas três primeiras décadas do século passado, no caso de Dulles, e apresentar a conflitividade urbana explicitada na luta do operariado paulista, ainda não visível na academia, em Fausto. A abertura ao público de arquivos da história social, como o Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, e, posteriormente, o Centro de Documentação e Memória da Unesp, ajudaram a dar ainda mais visibilidade ao tema.<sup>5</sup>

Aqueles anarquistas de outrora, que haviam apenas começado a se tornar sujeitos históricos chancelados nas páginas produzidas pela academia, protagonistas da história social do trabalho brasileira, a partir do final da década de 1970, passaram a ganhar estudos cada vez mais específicos no que concerne ao anarquismo, embora ainda basicamente atrelados à sua relação direta com o movimento operário. A percepção que se teve sobre esse movimento organizado por anarquistas veio associada ao estudo dos processos migratórios da época, e isso apareceu de modo claro e esmiuçado nos trabalhos seminiais de Paula Beiguelman e de Sheldon Maram.<sup>6</sup> Paralelamente a essas pesquisas, desenvolveu-se a construção da ideia de um anarcossindicalismo dominante no meio operário brasileiro de inícios do século XX; ideia previamente enunciada por Maram, aprofundada pela tese de Eric Gordon, e reafirmada por Yara Khoury ao fazer a biografia de Edgard Leuenroth.<sup>7</sup>

Desde então, com a ampliação do acesso às fontes disponíveis, tanto as da imprensa quanto, posteriormente, as da polícia – a abertura dos dossiês do Fundo Deops em 1993 pelo Arquivo do Estado de São Paulo –, tornaram-se dominantes no ambiente acadêmico as pesquisas que se dedicaram ao aprofundamento do estudo desse primeiro anarquismo brasileiro, circunscrevendo-o, preferencialmente, na relação traçada com o movimento operário e suas lutas, apontando também para um detalhamento das diferentes tendências anarquistas e sindicalistas existentes e de suas transformações no decorrer do tempo. A partir da década de 1980, anarquia e anarquismo deixaram de ser palavras pejorativas, relegadas às páginas criminais e foram definitivamente incorporadas ao vocabulário dos cursos de graduação nas universidades brasileiras. Indicamos em nota, em ordem cronológica, alguns autores e títulos, que se seguiram aos anteriormente expostos, para acompanhar o

5 O Arquivo Edgard Leuenroth, AEL/Unicamp, cujo nome homenageia o arquivista do anarquismo, começou a funcionar com o recebimento do fundo documental levantado por ele ao longo de sua vida. Também foi determinante para essa visibilidade a publicação da coletânea de documentos sobre a classe operária brasileira efetuada por PINHEIRO, Paulo S.; HALL, Michael. **A classe operária no Brasil 1889-1930**: Documentos. 2 vol. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

6 BEIGUELMAN, Paula. **Os companheiros de São Paulo**. São Paulo: Símbolo, 1977. MARAM, Sheldon L. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

7 MARAM, Sheldon L. Anarcho-syndicalism in Brazil. **Proceedings of the Pacific Coast Council on Latin American Studies**, n. 4, p. 101-116, 1975. GORDON, Eric. **Anarchism in Brazil: Theory and practices 1890-1920**. 1978. Tese (Ph.D em História Latino-americana) – Tulane University, Nova Orleans, 1978. KHOURY, Yara A. **As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária**. São Paulo: Cortez, 1981. KHOURY, Yara A. **Edgard Leuenroth: uma voz libertária**. Imprensa, memória e militância anarco-sindicalista. 1988. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

desenvolvimento dessa trajetória da produção acadêmica, conectando imigração, movimento operário e anarquismo.<sup>8</sup>

Não por acaso, essa primeira legitimação acadêmica do anarquismo, que veio acompanhada pelo enunciado de que a gênese do movimento operário e social urbano brasileiro, pelo menos em seus centros hegemônicos, teve características libertárias movidas pela ação direta dos trabalhadores, muitos deles imigrantes estrangeiros, coincidiu com a fase final da ditadura de 1964 e com o surgimento do novo sindicalismo brasileiro.<sup>9</sup> Um sindicalismo de base horizontal nascido das comissões de fábrica emergentes no final dos anos 1970 e início dos 80, durante as negociações dos movimentos grevistas no ABC paulista, em Campinas e em Volta Redonda, que gerou uma aproximação entre esses novos protagonistas da luta operária, muitos deles também novos migrantes inter-regionais,<sup>10</sup> portanto, uma continuidade da relação entre luta sindical e fenômenos migratórios, com os pesquisadores voltados para o estudo e a teorização dos movimentos sindicais e sociais daquele presente e do passado.

A histórica e polêmica comunicação de Kazumi Munakata, na Anpuh-SP, em 1980, procurando encontrar a autodeterminação proletária nos movimentos grevistas de 1978,<sup>11</sup> claramente acompanhava um movimento de aproximação entre a teoria e a prática operária que já vinha sendo posto em ação, principalmente na Grã-Bretanha e na França. Desde o início da década de 1960, esse movimento era visível nas páginas da *New Left Review*,<sup>12</sup> particularmente nos artigos de Edward P. Thompson sobre a ação e práticas históricas dos trabalhadores, e também nos textos produzidos pelo coletivo de *Socialisme ou Barbarie*,<sup>13</sup> particularmente aqueles escritos por Cornelius Castoriadis com sua concepção autogestionária e autonomista do socialismo e das experiências do movimento operário. Na década de 1970 proliferaram diversos trabalhos tematizando a autogestão das fábricas

8 FERREIRA, Maria N. **A imprensa operária no Brasil, 1880-1920**. Petrópolis: Vozes, 1978. MAGNANI, Silvia I. L. **O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)**. São Paulo: Brasiliense, 1982. ADDOR, Carlos A. **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Dois pontos, 1986. SEIXAS, Jacy A. **Memoire et oublie: anarchisme et syndicalisme révolutionnaire au Brésil**. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1992. FELICI, Isabelle. **Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil, 1890-1920**. 1994. Tese (Doutorado em Civilização e cultura italiana) – Université de la Sorbonne, Paris, 1994. LOPREATO, Christina R. **O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917**. São Paulo: Annablume, 2000. AZEVEDO, Raquel. **A resistência anarquista: uma questão de identidade (1927-1937)**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002. SAMIS, Alexandre R. **Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil**. São Paulo: Imaginário, 2002.

9 Sobre o novo sindicalismo e suas diferentes abordagens interpretativas na academia, ver o artigo elucidativo de LADOSKY, Mario Henrique; OLIVEIRA, Roberto Vêras. O "novo sindicalismo" pela ótica dos estudos do trabalho. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p. 147-170, jan.-jul. 2014. Disponível em: DOI: doi.org/10.5007/1984-9222.2014v6n11p147.

10 Um marco nesse sentido foi a pesquisa de doutorado, defendida em 2003, na Unicamp, publicada por FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo**. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-1966). Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

11 MUNAKATA, Kazumi. O lugar do movimento operário. **Anais do IV Encontro Regional de História de São Paulo**, ANPUH. Araraquara: Unesp, 1980; e a reflexão posterior do próprio autor sobre essa comunicação: MUNAKATA, Kazumi. O lugar do movimento operário: o lugar e o tempo de 'O lugar do movimento operário' 30 anos depois. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 43, 2010.

12 É possível consultar os artigos publicados na revista nas décadas de 1950 e 1960 em: <https://newleftreview.org/issues>.

13 Ver CASTORIADIS, Cornelius. **L'Expérience du mouvement ouvrier**. 2 vol. Paris: Union générale d'éditions, 1973. Os números digitalizados de *Socialisme ou Barbarie* podem ser consultados em: <https://soubscan.org/>.

pelo operariado. Além dessas influências que transitavam entre a ação prática e a produção acadêmica, houve, nesse momento inicial da redemocratização pós-1964, uma significativa penetração das ideias marxistas conselhistas de Rosa Luxemburgo, Anton Pannekoek e do jovem Gramsci (o dos primeiros anos de *Ordine Nuovo*) nas universidades brasileiras. Portanto, no início dos anos 1980, a ponte estabelecida entre a fábrica e a academia, além da legitimidade institucional, trouxe para a universidade o desejo de encontrar essa capacidade de organização autônoma dos trabalhadores e de auxiliar na sua construção do ponto de vista teórico. As ideias autonomistas e conselhistas, muito próximas ao anarquismo, se fizeram inicialmente presentes nos trabalhos de Maurício Tragtenberg<sup>14</sup> e na publicação da revista *Cara a Cara* (1978), dirigida por Adalberto Paranhos.<sup>15</sup> Na década seguinte, um grupo interdisciplinar de investigadores, tendo à frente Eder Sader e Lúcio Kowarick, levou essa perspectiva autonomista para a análise dos movimentos sociais urbanos nascidos durante o período da ditadura.<sup>16</sup>

Entretanto, na segunda metade da década de 1980, com a consolidação da trajetória do Partido dos Trabalhadores e a crescente hegemonia da Central Única dos Trabalhadores, a CUT, no meio sindical, uma nova configuração política, diretamente vinculada à tradição histórica marxista do pensamento social, passou a dominar a pesquisa acadêmica nas ciências sociais da USP e da Unicamp. Os pesquisadores ligados a essa tradição buscaram adequar teoricamente o modelo de organização desses novos movimentos sociais à centralização com que paulatinamente foi sendo conduzido o novo sindicalismo brasileiro. Com isso, a produção acadêmica que passou a ser feita, desde o final da década de 1980, principalmente no campo da História Social da Unicamp e depois no da UFF e no da Sociologia do Trabalho na USP, afastou-se das concepções marxistas mais autonomistas que haviam dado as caras na década anterior e caminhou em direção a uma reinterpretação, digamos, de caráter mais dirigista sobre a atuação histórica do sindicalismo brasileiro. Essa nova produção historiográfica procurou identificar uma possível agência dos trabalhadores em meio à dominação do Estado, dos partidos e dos sindicatos, inclusive durante os períodos autoritários do Estado brasileiro, sob o controle de Vargas e da ditadura militar. Esse reposicionamento político e acadêmico refletiu-se também numa reconfiguração historiográfica que passou a investigar o movimento operário nascido na Primeira República com outras abordagens, que se não o dissociou completamente de sua condução anarquista, passou a relativizar significativamente a contribuição da ação direta em sua construção. Na virada da década de 1980 para a de 1990, as abordagens tradicionais marxistas, embora anunciadas numa perspectiva thompsoniana, retomaram a condução dos

14 TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. São Paulo: Ática, 1974. TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo heterodoxo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

15 PARANHOS, Adalberto et al. Cara a cara com o movimento operário. **Cara a Cara**, Campinas, n. 2, p. 67-97, 1978.

16 SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena**. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. KOWARICK, Lúcio (org.). **As lutas sociais e a cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.



estudos no campo da história social do trabalho no Brasil, subordinando metodologicamente boa parte das pesquisas que continham embutidas nelas um teor libertário, deslocando os estudos sobre o anarcossindicalismo na Primeira República para o campo do sindicalismo revolucionário, que passou a ser entendido como uma corrente ideologicamente independente ou, até, como uma vertente particular do movimento socialista.<sup>17</sup>

Tudo somado, a passagem de uma percepção de caráter autonomista sobre o sindicalismo, presente na década de 1970, na relação estabelecida entre fábrica e academia, para uma percepção teórica mais centralizadora sobre a luta dos trabalhadores, impactou definitivamente, a partir da década de 1990, a produção acadêmica brasileira sobre o movimento operário da Primeira República. A nova abordagem proposta permitiu a possibilidade de se pensar em uma certa continuidade nos diferentes movimentos históricos do sindicalismo brasileiro, desde o sindicalismo mais combativo da Primeira República, entendido agora não mais como de exclusividade do anarquismo, mas, também, com forte presença socialista através dos partidos socialistas e da ação de sindicalistas revolucionários no interior deles.<sup>18</sup> No decorrer da década de 1990 e seguintes, o esforço político e acadêmico na produção de uma historiografia que relativiza a participação anarquista no movimento sindical da Primeira República, em detrimento da socialista, consolidou-se como dominante na história social do trabalho.

Se por um lado essa mudança de rumo enfraqueceu aqueles estudos iniciais sobre o movimento operário de base anarquista, por outro lado provocou uma migração desses estudos em direção a outros campos da atuação libertária na sociedade, ampliando e pulverizando a temática das pesquisas para que elas pudessem manter sua autonomia em relação à escola marxista, então ainda quase que exclusivamente voltada para as análises

17 Ver a análise dos dois movimentos em TOLEDO, Edilene. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004. A proposição elaborada por Toledo, de haver uma separação clara entre o anarquismo e o sindicalismo revolucionário como dois movimentos independentes, foi rebatida por CORRÊA, Felipe. **Anarquismo e sindicalismo revolucionário**. Uma resenha crítica do livro de Edilene Toledo, a partir das visões de Michael Schmidt, Lucien van der Walt e Alexandre Samis. 2010. Disponível em: <https://dokumen.tips/documents/felipe-correa-anarquismo-e-sindicalismo-revolucionario.html?page=2>. Corrêa considera o sindicalismo revolucionário como uma “estratégia” do anarquismo junto ao movimento de massas. Numa posição intermediária entre as duas, reconhecendo a existência de uma corrente própria no sindicalismo revolucionário, embora proveniente historicamente do sindicalismo anarquista, porém apontando para o fato de haver uma forte simbiose nas práticas de ambos, temos OLIVEIRA, Thiago Bernardon. **Anarquismo e revolução: militância anarquista e estratégia do sindicalismo no Brasil da Primeira República**. In: SANTOS, Kauan William dos; SILVA, Rafael Viana (org.). **História do anarquismo e do sindicalismo de intenção revolucionária no Brasil**: novas perspectivas. Curitiba: Prismas, 2018. p. 207-242.

18 Para o Brasil desse período, a interpretação mais geral da existência de um sindicalismo mais plural em suas correntes políticas encontra-se em BATALHA, Claudio H. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Uma reflexão dedicada à participação dos socialistas na Primeira República encontra-se em SCHMIDT, Benito B. Os partidos socialistas na nascente República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Aarão Daniel (org.). **As esquerdas no Brasil**. v. 1 - A formação das tradições (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 131-183. Os trabalhos mais significativos sobre esse período, que levantaram a questão da organização socialista junto aos trabalhadores nas duas primeiras décadas do século XX, encontram-se nas pesquisas sobre o sindicalismo e o socialismo em São Paulo: BIONDI, Luigi. **Classe e nação**. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920. Campinas: Ed. Unicamp, 2011; e TOLEDO, Edilene. **Travessias revolucionárias**. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Ed. Unicamp, 2004. Em relação à presença socialista no Rio Grande do Sul, ver PETERSEN, Sílvia R. F. **Que a união operária seja nossa pátria**. História das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Ed. UFSM, 2001.

classistas. Questões de gênero, manifestações artísticas, culturais e educacionais relativas ao anarquismo e à cultura libertária foram incorporadas aos objetos iniciais de estudo e inovaram a produção acadêmica trazendo a agência desses sujeitos históricos, até então muito pouco explorados pela historiografia tradicional brasileira, através de novas pesquisas que passaram a receber, também, o aporte metodológico dos conceitos de Michel Foucault sobre os micropoderes.<sup>19</sup>

Se as pesquisas sobre o anarquismo acabaram, em boa parte, se afastando da metodologia mais ortodoxa de análise, também é verdade que a perspectiva culturalista da historiografia marxista inglesa, os *cultural studies*, na esteira dos trabalhos inovadores de Thompson, que literalmente nos fala “das experiências libertárias dos trabalhadores ingleses”,<sup>20</sup> modificaram, por sua vez, o modo como a história social passou a perceber a construção de seus objetos. Essa conversão thompsoniana da história social atendeu a dois objetivos: primeiramente, do ponto de vista teórico, provocou um deslocamento do sujeito revolucionário marxista, aproximando-o de seus concorrentes autonomistas, conselhistas e anarquistas; e também, em seguida, procurou retomar a hegemonia na produção da história do trabalho, abalada com aquela reinterpretação histórica da geração autonomista dos anos 1970 e início dos 1980. Jean-Angaut discutiu esse deslocamento teórico e prático do marxismo como um mecanismo de sobrevivência política e acadêmica que se mostrou bastante eficaz no meio universitário.<sup>21</sup>

Dentro desse novo quadro teórico de estudos sobre o anarquismo, se do ponto de vista cronológico o estudo feito por Maria Theresa Vargas e Mariângela Lima<sup>22</sup> sobre o teatro anarquista marcou o primeiro trabalho a fazer esse movimento em direção às práticas culturais dos libertários, podemos situar a obra de Francisco Foot Hardman<sup>23</sup> como a principal referência dessa passagem em curso ao tratar o modo de vida e a cultura libertária para além do movimento operário e sindical. As práticas anarquistas apareceram, então, no cotidiano das vidas dos bairros operários, mas também enunciaram suas formas de organização social, cultural, seu gosto pelas festas.<sup>24</sup> Os libertários saíram das páginas exclusivas da luta de classe operária aos quais estavam destinados e ingressaram, com Antonio Arnoni Prado, nas páginas da produção da cultura, no desvelar de uma prosa e verso dirigidos à luta social.<sup>25</sup> Ao mesmo tempo, com Margareth Rago, passamos para

19 FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

20 THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. 3 vol. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Sobre a aproximação da história social de E. P. Thompson com o socialismo autonomista de Castoriadis, ver ROMANI, Carlo. Experiências compartilhadas e autonomia popular na história social: aproximações entre E. P. Thompson e Castoriadis. **Projeto História**, São Paulo, n. 48, dez. 2013.

21 ANGAUT, Jean-Christophe. La construction du “sujet révolutionnaire” ou la dislocation du marxisme. **Refractions**, Des volontés de revolution, Paris, p. 29-38, 2010.

22 VARGAS, Maria T.; LIMA, Mariângela A. **O teatro operário na cidade de São Paulo: teatro anarquista**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/Idart, 1980.

23 HARDMAN, Francisco F. **Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

24 DECCA, Maria G. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

25 PRADO, Antonio A.; HARDMAN, Francisco F. (org.). **Contos anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

a ampliação das agentes da história e as mulheres surgiram como protagonistas de suas lutas, transgressoras das formas da sociabilidade burguesa.<sup>26</sup> E seguindo a trilha aberta, os trabalhos foram se sucedendo: perceberam-se as utopias sendo postas em prática nos conflitos urbanos através de suas representações imagéticas e literárias,<sup>27</sup> sendo realizadas completamente em sua dimensão experimental na Colônia Cecília,<sup>28</sup> ou ainda, cartografadas na rede das relações dos grupos de afinidade estabelecidos na cidade.<sup>29</sup> Apresentando os sujeitos protagonistas dessa história, as pesquisas dedicaram-se a esmiuçar as trajetórias de vida de personagens anarquistas; diversos modos de se fazer as biografias históricas dos agentes se apresentaram com suas criações, lutas e vivências, reforçando a dimensão múltipla e cotidiana do conflito estabelecido com a sociedade burguesa, muito além dos embates explícitos com o patronato ou daqueles vindos à tona somente nos momentos das rebeliões coletivas.<sup>30</sup>

A área da Educação também passou a se interessar pelo tema do anarquismo, de seus experimentos e possibilidades pedagógicas, identificando os ritos de passagem seminais de uma educação pública e privada confessional muito restrita às camadas superiores da população em direção a um projeto de educação universalizante. Se quisermos encontrar a protogênese da educação pública brasileira, não devemos começar com os escolanovistas da década de 1920, mas ir bem antes para compreender as múltiplas experiências de educação libertária que foram realizadas nas três primeiras décadas da República. A introdução ao debate sobre a crítica à educação oficial e a apresentação da educação libertária à universidade já fora antecipada pela complexidade do pensamento de Tragtenberg,<sup>31</sup> mas passou a ser sistematizada em forma de pesquisa, nos anos 1980, com Flávio Luizetto e Paulo Guirardelli;<sup>32</sup> continuada com Marinice Fortunato,<sup>33</sup> ganhou corpo e substância, desde meados dos anos 1990, nos trabalhos de

---

PRADO, Antonio A. **Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. PRADO, Antonio; HARDMAN, Francisco F.; LEAL Claudia F. B. (org.). **Contos anarquistas**. Temas e textos da prosa libertária no Brasil 1890-1935. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

26 RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**. A utopia da cidade disciplinar (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

27 CAMPOS, Cristina H. **O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921**. Campinas. Ed. Unicamp, 1988.

28 MÜLLER, Helena I. **Flores aos rebeldes que falharam: Giovanni Rossi e a utopia anarquista**, Colônia Cecília. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

29 LEAL, Claudia F. B. **Pensiero e Dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890**. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, Campinas, 2006.

30 Dentre a série de diferentes formas de se escrever as biografias de personagens anarquistas, destacamos: DUARTE, Regina H. **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Foscolo**. Campinas: Ed. Unicamp, 1991. NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Florentino de Carvalho**. Pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000. RAGO, Margareth. **Entre a história e a liberdade**. Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Unesp, 2001. ROMANI, Carlo. **Oreste Ristori**. Uma aventura anarquista. São Paulo: Annablume, 2002. AVELINO, Nildo. **Anarquistas: ética e antologia de existências**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. SAMIS, Alexandre R. **Minha pátria é o mundo inteiro**. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos. Lisboa: Letra Livre, 2009.

31 TRAGTENBERG, Maurício. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 17-49, 1978. TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Cortez, 1982.

32 LUIZETTO, Flávio. **Utopias anarquistas**. São Paulo: Brasiliense, 1987. GHIRARDELLI JR.; Paulo. **Educação e movimento operário**. São Paulo: Cortez, 1987.

33 FORTUNATO, Marinice S. **Uma experiência educacional de autogestão**. A escola moderna nº. 1 na sua



Sílvio Gallo, Antonio Valverde, José Damiro de Moraes, Acácio Augusto, Edson Passetti e Ozaí da Silva,<sup>34</sup> ampliou-se com a pesquisa sobre o arquivo João Penteado<sup>35</sup> e sobre o material didático produzido numa perspectiva anarquista com José Damiro Moraes.<sup>36</sup> E, enfim, mais recentemente, multiplicaram-se as pesquisas interdisciplinares envolvendo anarquismo, história e literatura com a prática educacional, como aquelas coordenadas por Angela Roberti Martins e Lúcia Kauss.<sup>37</sup>

## Em busca de uma epistemologia anarquista

DESDE O FINAL do século passado, e mais ativamente a partir do novo século, foi sendo gestada de fato uma epistemologia anarquista que permitiu aos pesquisadores se distanciarem do aparato teórico clássico do marxismo, ao qual, com variantes analíticas, encontravam-se subordinados. Não se trata de uma teoria anarquista específica, fechada em si mesma, mas de uma adequação às visões libertárias sobre a vida social de um conjunto de proposições que se afasta de um modelo sistêmico e da dialética binária. Esse novo anarquismo, gestado globalmente nas ruas desde, pelo menos, as agitações de 1968, busca também, no âmbito acadêmico, um caminho de análise que passa a entender a revolução social não como um lugar a ser alcançado através da tomada do poder político, mas como algo que se realiza nas pequenas insurgências do cotidiano, nas suas revoluções moleculares. Como mostrou Félix Guattari no início da década de 1980, a finalidade da análise micropolítica é a de produzir uma molecularização do objeto de estudo.<sup>38</sup> É inegável nessa passagem pós-estruturalista do anarquismo a influência direta das ideias de Michel Foucault, da psicanálise lacaniana e de Gilles Deleuze e Félix Guattari.<sup>39</sup> Diversos autores anarquistas buscaram teorizar essa passagem e adequar a percepção microfísica do poder e molecular da revolução social a uma concepção anarquista de ciência e da prática social para a contemporaneidade. Inicialmente

---

gênese. 1992. Dissertação (Mestrado em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

- 34 GALLO, Sílvio O. **Educação anarquista**. Um paradigma para hoje. São Paulo: Unimep, 1995. VALVERDE, Antônio R. **Pedagogia libertária e autodidatismo**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. GALLO, Sílvio O.; MORAES, José D. Anarquismo e educação – a educação libertária na Primeira República *In*: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (org.). **História e memórias da educação no Brasil**. vol. III - Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005. SILVA, Antonio O. **Maurício Tragtenberg** - militância e pedagogia libertária. Ijuí: Unijuí, 2008. AUGUSTO, Acácio; PASSETTI, Edson. **Anarquismos e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. MORAES, José D. Educação e trabalho: reflexões anarquistas na Primeira República no Brasil. *In*: MARTINS, Angela M. S.; BONATO, Nailda M. C. **Trajetórias históricas da educação**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- 35 MORAES, Carmen Sílvia V.; ACCIOLY E SILVA, Dóris. Arquivo João Penteado e sua importância para os estudos de educação anarquista no Brasil. **Projeto História**, São Paulo, n. 48, set-dez. 2013.
- 36 MORAES, José D. "Leitura que recomendamos – o que todos devem ler": impressos didáticos e ensino de história nas escolas anarquistas. **Cadernos de História da Educação**, v. 12, n. 1, p. 45-58, 2013.
- 37 GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. (org.). **A imprensa libertária no Ceará, 1908-1922**. São Paulo: Imaginário, 2000. MARTINS, Angela M. Roberti; KAUSS, Vera Lúcia T. A poética libertária de Lirio de Rezende: arte e rebeldia. *In*: NOVIKOFF, Cristina; GRISPUN, Míriam Paura; DUTRA, Robson (org.). **Desafios da praxis educacional**. Interdisciplinaridade, estética e ética. Salvador: Pontocom, 2013. MARTINS, Angela M. Roberti; KAUSS, Vera Lúcia T. A Questão da moral no romance libertário *O Cravo Vermelho*, de Domingos Ribeiro Filho (1907). **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias, v. 42, 2º sem. 2016.
- 38 GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- 39 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. 5 v. São Paulo: Ed. 34, 1995-1997.

com Todd May, ainda na década de 1990, e mais consistentemente com Saul Newman, Salvo Vacarro e Tomás Ibañez, construiu-se, no novo milênio, um significativo aporte teórico aos estudos sobre o anarquismo.<sup>40</sup> Chamado de anarquismo pós-moderno, de anarquismo pós-estruturalista, ou mesmo de pós-anarquismo, a questão semântica é menos relevante do que o conteúdo que pressupõe pensar o anarquismo muito além de uma imposta tradição criada no século XIX, que o vinculava preferencialmente, e, às vezes, exclusivamente, à emergência de um proletariado fabril, portanto, trata-se de pensar em termos de anarquismos, no plural.

Com isso, boa parte dos estudos históricos desenvolvidos no Brasil nas últimas décadas foram capazes de perceber no passado a existência não de um anarquismo, mas de diversas espécies de anarquismos com características distintas, portadores de potencialidades diferenciadas, e praticados por diferentes agentes: homens, mulheres, *queers*, indígenas, capoeiras, negros, crianças, que podiam, também, assumir identidades diferentes, dependendo dos contextos em que se situavam. Uma abordagem no plano molecular passou a evidenciar essas diferenças e semelhanças, as continuidades e descontinuidades que marcam efetivamente os atores sociais em diferentes contextos históricos. Do mesmo modo, a análise micro-histórica passou a ser dominante nessa produção historiográfica, abandonando em grande parte as tentativas de macroexplicação do real, de caráter mais estruturalista, embora elas também tenham permanecido em um grande conjunto de historiadores do anarquismo, reafirmando a concepção teórica da “*broad tradition*” formulada por Lucien van der Walt, da existência de um núcleo duro anarquista imbricado na ampla tradição sindicalista e de sua relação com o que este historiador denomina de movimento de massa.<sup>41</sup> Entretanto, mesmo havendo a permanência dessa produção pensada em termos de metanarrativas, é claramente perceptível a influência da micro-história na produção acadêmica que vem sendo desenvolvida desde meados da década de 1990, ao tratar de diminuir a escala dos objetos pesquisados e afastar-se, assim, da ideia de uma possível totalidade explicativa, percebendo os indícios das ações libertárias presentes nas práticas sociais, mesmo naquelas não declaradamente anarquistas. Essa abertura polifônica para os estudos históricos sobre o anarquismo permitiu perceber práticas de características libertárias, por exemplo, na América, antes de o próprio conceito de anarquismo ter sido enunciado.<sup>42</sup>

40 MAY, Todd. **The Political Philosophy of Poststructuralist Anarchism**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1994. NEWMAN, Saul. **From Bakunin to Lacan: anti-authoritarianism and the dislocation of power**. Laham: Lexington Books, 2001. VACCARO, Salvo. **Anarchismo e modernità**. Pisa: BFS ed., 2004. BERTI, Giampietro. **Libertà senza Rivoluzione**. L'anarchismo fra sconfitta del comunismo e la vittoria del capitalismo. Manduria: Piero Lacaita Editore, 2012. IBAÑEZ, Tomás. **Anarquismo es movimiento**. Anarquismo, neanarquismo y postanarquismo. Barcelona: Virus Editorial, 2014. NEWMAN, Saul. **Do anarquismo ao pós-anarquismo**. São Paulo: Ed. Sobinfluência, 2022.

41 VAN DER WALT, Lucien; SCHMIDT, Michael. **Black Flame**. The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland: AK Press, 2009. Mesmo dentro do campo tradicional do anarquismo, a ideia de uma *broad tradition* foi criticada por historiadores clássicos que a associaram basicamente a uma historiografia anglófona, subestimando a extensa produção global em diferentes línguas. Sobre isso ver BERTHIER, René. **Commentaires sur “Black Flame”**. Paris: Cercle d'Études libertaires Gaston-Leval, 2017.

42 TAIBO, Carlos. **Anarquistas de ultramar**. Anarquismo indigenismo e descolonización. Madrid: La Catarata, 2018.

Ainda como parte desse novo suporte teórico, devemos necessariamente recordar o que explicitou David Graeber, talvez o principal pensador da nova geração de anarquistas. O anarquismo não se circunscreve ao seu enunciado originado em meados do século XIX, mas pode ser encontrado nos princípios de caráter anti-hierárquico, horizontal, não centralizado, de ação direta e apoio mútuo, características inerentes a diversos modos de organização social, do passado e do presente, que não beberam diretamente das fontes históricas anarquistas.<sup>43</sup> Não por acaso o campo científico de Graeber, na antropologia, lhe permitiu identificar em diferentes grupos comunitários, nas montanhas de Madagascar, nos indígenas americanos ou na organização social das mulheres de Rojava, no Curdistão, práticas libertárias, não enunciadas, como sendo práticas semelhantes àquelas contidas nos princípios clássicos do anarquismo. E isso também pode ser encontrado em muitos outros lugares, tanto nos coletivos e espaços declaradamente anarquistas quanto nas formas de autogestão comunitárias, naquelas experiências que escapam aos poderes instituídos, e que em nenhum momento se explicitaram como anárquicas. Trata-se de olhar o social, no presente e no passado, para além do seu enunciado explícito, percebendo a prática em si. Poderíamos retroceder genealogicamente esse debate trazido por Graeber aos primeiros estudos em antropologia política realizados por Pierre Clastres, ainda na década de 1970, com os indígenas da América do Sul.<sup>44</sup> Neles, Clastres mostra a ausência do poder político nas sociedades ameríndias não como um sintoma de fraqueza ou de incapacidade, mas como um desejo de liberdade, impedindo a formação de hierarquias opressoras em suas sociedades. De modo diferente, mas retendo a mesma ideia de horizontalidade na constituição da organização social, Graeber identifica esses princípios em um sem número de grupos comunitários ainda existentes na contemporaneidade. O posicionamento público trazido por uma notória ativista da esquerda radical como Barbara Epstein, sobre o anarquismo ter claramente tomado a frente dos movimentos de rua do novo milênio, levou Graeber a questionar também o lugar do anarquismo na universidade e a abrir uma disputa de campo com os segmentos dominantes da teoria marxista academicamente estabelecidos, levantando a possibilidade de se construir uma teoria anarquista, ou, pelo menos, um domínio epistemológico particular que permitisse ao anarquismo ampliar seu espaço de produção acadêmica, tal qual ampliou seu espaço político nas ruas.

As antigas utopias anarquistas passaram a ser percebidas como parte de uma política prefigurativa, termo lançado e usado pela esquerda radical norte-americana, desde os anos 1970, em continuidade à ação dos movimentos autonomistas dessa época, e que, mais recentemente, acabou sendo identificada com o movimento Occupy Wall Street.<sup>45</sup> Bem antes de Occupy ter se transformado em um caso de ampla repercussão global, com efeito dominó nas ocupações de praça em países de diferentes continentes, a ideia de uma

43 GRAEBER, David. **Fragments of an Anarchist Anthropology**. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2004.

44 CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

45 BRAY, Mark. **Translating Anarchy**. The anarchism of Occupy Wall Street. Winchester: Zero Books, 2013.

política prefigurativa, sem ser assim nomeada, pode ser associada às zonas autônomas temporárias de Hakim Bey, ou, ainda, à ideia de contrapoder exposta por Miguel Benasayag, uma prática emergente na França de fim de século passado.<sup>46</sup> A perspectiva das zonas temporárias de Bey, sem o uso desse nome, já se encontrava presente em larga parte do anarquismo do final do século XIX, praticada por grupos e coletivos, os chamados grupos de afinidade, que se reuniam e organizavam para uma ação direta específica e depois se dissolviam para evitar sua captura, ou pelo receio da formação de instâncias internas hierárquicas. Tanto na Europa quanto na América, o entendimento de que essa prática se constituía num contrapoder era explícita nos discursos de Luigi Galleani e em uma larga quantidade de anarquistas que seguiam essa estratégia.<sup>47</sup> Em São Paulo, entre 1904 e 1906, por exemplo, o grupo *La Propaganda* defendia a mesma prática como forma de evitar “o perigo da fossilização dos grupos permanentes e fixos”.<sup>48</sup> De todo modo, em termos libertários mais amplos, tanto a ideia de zona temporária como a de contrapoder pode ser entendida como política prefigurativa, no sentido de ser uma prática social de ação direta transformadora da realidade que antecipa políticas a serem internalizadas posteriormente pela sociedade.

No campo do anarquismo, a ideia de política prefigurativa é central na obra de Uri Gordon, que procura encontrar a prática da ação direta em diversas experiências ocorridas no passado e ressignificadas no presente, o que ele denomina de anarquismo *reloaded*.<sup>49</sup> Não por acaso, também a questão ambiental sempre foi muito cara ao anarquismo, inicialmente percebida na perspectiva realizada pelas comunidades experimentais do século XIX e início do XX, com suas práticas sustentáveis em relação ao ambiente, o vegetarianismo e o amor livre, como eram chamadas as relações afetivas não institucionalizadas. Em seguida, quando a questão ambiental emergiu na década de 1970 como um problema planetário sistêmico, também o anarquismo assumiu a dianteira na formulação de projetos alternativos ecossocialistas, a ecologia social idealizada por Murray Bookchin, por exemplo.<sup>50</sup> Neste novo século, seguindo a prática da ação direta ligada à política prefigurativa, projetos de sustentabilidade urbana, soberania alimentar e de renovação energética passaram a ser viabilizados pelo anarquismo verde. Como afirma Uri Gordon em seu volume, “o anarquismo contemporâneo está assim enraizado nessa convergência de lutas radicais do feminismo, do ambientalismo, do antirracismo”.<sup>51</sup>

46 BEY, Hakim. **T.A.Z.:** The Temporary Autonomous Zone, Ontological Anarchy, Poetic Terrorism. Nova York: Autonomedia, 1991; BENASAYAG, Miguel; SZTULWARK, Diego. **Du contre-pouvoir.** De la subjectivité contestataire à la construction de contre-pouvoirs. Paris: La Découverte, 2000.

47 HOYT, Andrew. **And They Called Them “Galleanisti”:** The Rise of the Cronaca Sovversiva and the Formation of America’s Most Infamous Anarchist Faction (1895-1912). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – University of Minnesota, Minneapolis, 2018.

48 ROMANI, Carlo. La emigración europea y las escuelas libertarias en Argentina y Brasil en los albores del siglo XX. **Navegar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 62, jan.- jun. 2017.

49 GORDON, Uri. **Anarquia viva.** Política antiautoritária da prática para a teoria. Ed. Subta, 2015.

50 BOOKCHIN, Murray. **Por una sociedad Ecológica.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

51 GORDON, Uri. *Ibidem*, p. 54.

## Novas abordagens anarquistas e a historiografia mais recente

No BRASIL, um trabalho inovador na abordagem do anarquismo, como produtor de uma utopia entendida como a projeção de sua ação praticada no presente lançada em direção ao futuro, é a tese de Cláudia Tolentino Felipe. Ao pensar em termos polissêmicos e com diferentes usos da linguagem, a ideia que Tolentino constrói sobre o anarquismo pode ser entendida como a de uma cultura política que perdura, que se transforma, e que não pode ser reduzida ou hegemonizada por uma determinada concepção ou prática.<sup>52</sup> Nesse sentido, é bastante inovadora a contribuição teórica trazida por Gaetano Manfredonia ao definir os parâmetros de uma cultura política anarquista como prática social através de seus “tipos ideias”: o insurgente, o sindicalista e o educador-realizador.<sup>53</sup> Ao pensar as classificações dos grupos anarquistas em termos fluidos e intercambiáveis, Manfredonia contribuiu para a polifonia da produção historiográfica sobre o anarquismo, dando novo suporte de análise, alargando-a em relação ao seu campo preferencial que o relacionava ao sindicalismo. Manfredonia escapa às armadilhas que acabavam reduzindo teoricamente o anarquismo às concepções classistas do marxismo, ainda marcadas pelo estruturalismo.<sup>54</sup> Desse modo, seu entendimento do anarquismo confronta as perspectivas historiográficas da *broad tradition* e da teoria das cinco ondas, ainda muito presentes entre os pesquisadores do anarquismo, principalmente no Brasil, como mostra a extensa produção de Felipe Corrêa e outros autores vinculados a essa corrente ideológica.<sup>55</sup>

No sentido contrário ao de uma sobredeterminação do meio operário e sindical como agente da luta anarquista, na visão de Manfredonia, o mesmo jovem que se educava no meio anarquista constituía-se num rebelde do modelo dominante, num indivíduo disposto de autocrítica e de capacidade de autoaprendizagem, um protagonista de seu devir histórico, seja no campo cultural, no meio sindical ou na luta aberta na praça. Portanto, com o auxílio do novo aporte teórico e de uma abordagem plural, as pesquisas sobre o anarquismo puderam explicitar uma não separação dos lugares onde

52 FELIPE, Cláudia Tolentino G. **Faces da Hidra anarquista: linguagens utópicas e projetos políticos (1945-1970)**. Teresina: Cancioneiro, 2021.

53 MANFREDONIA, Gaetano **Anarchisme et changement sociale**. Insurrectionnalisme – syndicalisme – éducationnisme-réalisateur. Lyon: Atelier de création libertaire, 2007.

54 Veja-se, por exemplo, essa aproximação na coletânea organizada por HIRSCH, Steven; VAN DER WALT, Lucien (ed.). **Anarchism and syndicalism in the colonial and postcolonial world, 1870-1940: the praxis of national liberation, internationalism, and social revolution**. Leiden: Brill, 2010.

55 CORRÊA, Felipe. **Ideologia e estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular**. São Paulo: Faísca, 2011; CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael Vianna. **Anarquismo, teoria e história**. São Paulo: Instituto de Teoria e História Anarquista, 2013. CORRÊA, Felipe. **Bandeira negra: discutindo o anarquismo**. Curitiba: Prismas, 2015. Como indicativo dessa aproximação com a teoria marxista clássica, a produção historiográfica brasileira atual sobre o anarquismo que segue a perspectiva de análise aberta por Lucien van der Walt, continua, em sua maioria, sendo realizada sob a orientação de pesquisadores vinculados à escola da história social marxista. Vejam-se dois dos trabalhos recentes mais consistentes nessa linha: SILVA, Rafael Viana. **Um anarquismo latino-americano: estudo comparativo e transnacional das experiências na Argentina, Brasil e Uruguai (1959-1985)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018. SANTOS, Kauan Willian. **Pontes de liberdade: internacionalismo e imaginários nacionais na construção do anarquismo no Brasil (1890-1937)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



se desenrolava e desenrola o conflito urbano, entre o mundo do trabalho e o mundo do lar, ou da vida cotidiana, reforçando a hipótese de que a luta, o conflito, a projeção utópica para o futuro, fazem parte do dia a dia da cultura libertária. Não à toa, o campo da educação é um dos que mais visibilizaram essa transformação social mais ampla do passado. Práticas pedagógicas que ultrapassaram seus locais de realização imediata, vinculados aos centros sociais ou grêmios de bairros operários, foram replicadas na sociedade como um meio de conquista da emancipação social. O estudo comparativo entre as escolas libertárias na Argentina e no México, de Martín Acri e Maria Cáceres, mostra essa capilaridade da escola anarquista, dos bairros operários para diferentes espaços urbanos e rurais da sociedade.<sup>56</sup> A educação e a cultura anarquista passaram a ser vistas pela historiografia entrelaçadas às práticas culturais dos libertários promovendo, através de sua imprensa, a criação de um novo humano. O caso da campanha internacional por Ferrer, em defesa das escolas modernas, é sintomático desse movimento anarquista em torno da educação.<sup>57</sup> No caso brasileiro de início do século XX, um tipo diametralmente oposto ao desenhado pela república oligárquica: competitivo, insolidário, disciplinado e ciente de seu lugar social, perspectiva que pode ser vista na revisitação feita por Eduardo Lamela às iniciativas educacionais alternativas desse período, como aquela da Universidade Popular.<sup>58</sup>

Nas abordagens mais recentes, o lugar de ação das mulheres anarquistas, que já havia sido trabalhado de modo pioneiro desde os anos 1980 no Brasil, passou a ganhar ainda mais destaque neste novo século. As pesquisas sobre gênero, desde sempre pensadas numa perspectiva libertária, forneceram apoio para as investigações históricas das mulheres anarquistas que, embora já existentes, estavam ainda relegadas a segundo plano na primeira historiografia do anarquismo.<sup>59</sup> A agência feminina era observada apenas em estudos gerais sobre o anarquismo, ou concentrada em algumas personalidades como Emma Goldman e, particularmente, Maria Lacerda de Moura, no caso do Brasil.<sup>60</sup> Neste século, ao contrário, as mulheres anarquistas tornaram-

56 ACRI, Martín Alberto; CÁCERES, Maria Del Carmen. **La educación libertaria en la Argentina y en Mexico**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2011.

57 LAQUA, Daniel. Freethinkers, Anarchists and Francisco Ferrer: The Making of a Transnational Solidarity Campaign. **European Review of History**, v. 21, n. 4, p. 467-484, 2014.

58 LAMELA, Eduardo. Instrução e revolução social: a formação da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro em 1904. In: XXIX Simpósio Nacional de História. **Anais [...]**. Brasília: ANPUH, 2017.

59 O trabalho de Martha Ackelsberg foi um dos pioneiros na publicização da história das mulheres anarquistas e serviu de base para uma análise libertária de gênero: ACKELSBURG, Martha. **Anarchism and Gender. Study of Women and Gender**: Faculty Publications, Smith College, Northampton, 2016. Disponível em: [https://scholarworks.smith.edu/swg\\_facpubs/17](https://scholarworks.smith.edu/swg_facpubs/17).

60 Miriam Moreira Leite foi pioneira nos estudos sobre Maria Lacerda de Moura com a tese de doutorado *Caminhos de Maria Lacerda de Moura (Contribuição à História do Feminismo no Brasil)*, defendida na USP, em 1983. Diversos trabalhos sobre Maria Lacerda realizados no século passado seguiram a trilha aberta por Moreira Leite, alguns claramente realizados numa perspectiva anarquista, como o de RICHTERS, Liane Peters. **Emancipação feminina e moral libertária: Emma Goldman e Maria Lacerda de Moura**. 1998. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998. Somente mais recentemente, contudo, o anarquismo passa ser problematizado como o caminho para o emancipacionismo de Lacerda de Moura, o que não era percebido anteriormente como algo central em sua formação. LEITE, Miriam Moreira. **Maria Lacerda de Moura e o anarquismo. Remate de Males**, Campinas, v.

se protagonistas e proliferaram pesquisas detalhando sua participação na história. De dicionários de mulheres libertárias sul-americanas<sup>61</sup> a estudos mais específicos, que vão desde a atuação nos espaços educativos da sociedade,<sup>62</sup> passando pela circulação das vozes combativas femininas numa perspectiva conectada às abordagens transnacionais,<sup>63</sup> até a das práticas literárias das mulheres anarquistas mundo afora, com ênfase na participação feminina durante a guerra civil espanhola.<sup>64</sup> Multiplicaram-se, a partir de então, diferentes olhares para as agências femininas na história do anarquismo, pensadas numa perspectiva ampla, que circula em espaços diversos e integrados da vida cotidiana, da educação emancipadora e da luta de classe sindical. Nomes de operárias pouco conhecidas, como Maria Soares, Isabel Cerutti, Teresa Escolar, deixaram de ser adjacentes e passaram a ser pensados como centrais na luta anarquista de início do século XX.<sup>65</sup> E se pensarmos a produção do conhecimento histórico de modo deleuziano, feita por agenciamentos múltiplos, menos explicativa-interpretativa e mais sensorial e rizomática em suas possibilidades de enunciação, o trabalho experimental de Fernanda Grigolin, resultado de seu doutoramento em Artes Visuais na Unicamp, destaca-se como inovador nesse novo cenário de afirmação da luta feminina, operária e anarquista, e de distanciamento das formas mais engessadas da produção acadêmica: nesse sentido, um trabalho eminentemente anarquista.<sup>66</sup>

Além das questões de gênero, com sua trilha pioneira já aberta pela historiografia do anarquismo desde os anos 1980, neste novo século a *global turn* e os estudos transnacionais foram decisivos para delinear um novo marco de pesquisa e de abordagens sobre a história do movimento operário e a circulação das teorias e práticas anarquistas pelo mundo. Projetada mundialmente em 2005 com a obra já clássica de Benedict Anderson ao tratar das redes culturais anarquistas globais, transnacionais e anticoloniais, a pesquisa histórica, agora numa perspectiva não apenas do internacionalismo, mas da supressão das fronteiras nacionais, bebeu na fonte de seus agentes originários na história, os ativistas do anarquismo.<sup>67</sup> Recentemente, Cláudia Tolentino publicou um artigo em que traz um balanço

---

5, p. 121-129, 2012. O fato de ela ser anarquista passar a ser compreendido como o que estrutura sua vida, talvez, somente tenha sido feito numa perspectiva mais aprofundada com a tese de LESSA, Patrícia. **Amor e libertação em Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Entremares, 2020.

61 GUZZO, Cristina. **Libertárias em América del Sur**: de la A a Z. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2014.

62 MORAES, José D. Noemy Rudolfer e a organização da escola e do mundo do trabalho nos anos 1920 e 1930. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 485-497, 2012.

63 SOUZA, Ingrid S. Ladeira. “**Salimos a la lucha... sin Dios y sin jefe**”. O periódico *La Voz de la Mujer* como experiência feminina do anarquismo na Argentina (1896-1897). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

64 VICENTE, Laura. **La revolución de las palabras**. La revista *Mujeres Libres*. Barcelona: Editorial Comares, 2020.

65 MENDES, Samanta Colhado. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2010. ALMEIDA, Daniela Fernanda de. **Isabel Bertolucci Cerruti**: trajetória de uma militante política em São Paulo (1910-1937). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019. LUDMILA, Aline et al. **Unidas nos lancemos na luta**: o legado anarquista de Maria A. Soares. São Paulo: Tenda de Livros, 2021.

66 GRIGOLIN, Fernanda. **Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro**. São Paulo: Tenda de Livros, 2020.

67 ANDERSON, Benedict. **Sob três bandeiras**. Anarquismo e imaginação anticolonial. Campinas: Ed. Unicamp, 2014.

historiográfico dessa nova produção sobre o anarquismo, balizada pela percepção da transnacionalidade inerente ao movimento.<sup>68</sup>

Pouco após a publicação de Anderson, foi Davide Turcato que propôs uma explicação transnacional para o modelo de organização histórico do anarquismo italiano. Com seu artigo publicado na revista do Instituto Internacional de História Social de Amsterdam, Turcato abriu uma frente para o protagonismo dos pesquisadores do anarquismo no campo da transnacionalidade.<sup>69</sup> E, assim, seguiram-se alguns trabalhos marcantes sob essa perspectiva, que buscaram aliar prática empírica e reflexão teórica sobre essa nova forma de abordagem. A coletânea organizada por Constance Bantman e Bert Altena, em 2014, é significativa ao mostrar o pioneirismo do campo anarquista na produção de uma larga quantidade de pesquisas consistentes em menos de uma década de *global turn*.<sup>70</sup> Bantman enfatiza a importância do ordenamento das escalas de análise na construção das práticas anarquistas e sindicalistas da passagem do XIX para o XX, do macro global para o micro local. O anarquismo é pensado em termos dos eixos de circulação dos ativistas para além de fronteiras nacionais, rompendo, assim, com a ideia pretérita de uma história nacional dos trabalhadores. Ao desmontar o paradigma explicativo em torno da nação, ganha visibilidade, para determinados espaços do planeta, o entendimento da prática anarquista também como uma prática anticolonial e antinacionalista, como demonstrou Laura Galián em relação ao mundo do trabalho no Mediterrâneo; e como o fez Federico Ferretti, bem antes disso se tornar quase moda, ao pensar a geografia de Élisée Reclus em relação aos povos originários da América.<sup>71</sup>

E, como demonstrou Tolentino em seu artigo, não demorou para esse caminho também ser trilhado pelos historiadores brasileiros e latino-americanos. A tese de Clayton Godoy, em 2013, foi o primeiro trabalho de fôlego produzido no país, considerando o transnacionalismo como elemento estruturante da pesquisa sobre as relações “internacionais” organizadas pelos grupos anarquistas em São Paulo.<sup>72</sup> E diversas outras pesquisas se seguiram à de Godoy, explorando a construção das redes sociais, da circulação cultural de livros e periódicos, das correspondências trocadas, da vigilância transnacional e das redes portuárias, enfim, percebendo o mundo e a prática dos anarquistas como a prática em um mundo *sin fronteras*, parafraseando um conceito atual

68 FELIPE, Cláudia Tolentino G. Revisão crítica da historiografia anarquista brasileira: proposições para uma análise transnacional, **História Debates e Tendências**, Passo Fundo, v. 22, n. 1, p. 26-43, jan.-abr. 2022. Disponível em: doi.org/10.5335/hdtv.22n.1.12068.

69 TURCATO, Davide. Italian Anarchism as a Transnational Movement 1885-1915. **IRSH**, IISG, Amsterdam, n. 52, p. 407-444, 2007. Disponível em: doi.org/10.1017/S0020859007003057.

70 BANTMAN, Constance; ALTENA, Bert (ed.). **Reassessing the Transnational Turn: Scales of analysis in Anarchists and Syndicalists studies**. Londres: Routledge, 2014.

71 GALIÁN, Laura. **Colonialism, Transnationalism, and Anarchism in the South of the Mediterranean**. Cham: Palgrave, 2020. FERRETTI, Federico. La géographie d'Élisée Reclus face à l'extermination des Amérindiens: enjeux scientifiques et politiques. **Colóquio Internacional Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**. Laboratório de Geografia Política, Departamento de Geografia, USP, 2011.

72 GODOY, Clayton P. F. **Ação direta: transnacionalismo, visibilidade e latência na formação do movimento anarquista em São Paulo (1892-1908)**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

do anarquismo global.<sup>73</sup> Não estamos aqui, contudo, afirmando uma exclusividade do anarquismo na abordagem dos movimentos dos trabalhadores e de seus ativistas numa perspectiva transnacional, ou descartando a análise marxista que existe na condução de muitos desses trabalhos, inclusive, em muitas das pesquisas sobre o anarquismo, nas quais a dimensão classista e sindicalista do movimento dá o tom da interpretação.<sup>74</sup> O que indicamos é que a partir da internalização da questão transnacional do movimento, por sobre as fronteiras, iniciada como marco histórico, digamos, com a obra de Benedict Anderson, proliferaram estudos sobre o movimento anarquista que haviam sido obliterados ao longo da história ou foram ofuscados por interpretações de caráter mais ortodoxo sobre o modelo organizativo dos trabalhadores. O abrangente *handbook* organizado por Carl Levy, em 2019, disponível em edição aberta ao público, é um exemplo da extensão dessa nova produção, tanto em termos temáticos quanto geográficos.<sup>75</sup>

Para concluirmos esta amostra da mais recente historiografia, não podemos deixar de evidenciar as contribuições trazidas pelos desdobramentos dos estudos pós-coloniais, cuja referência maior é Dipesh Chakabarty, na produção de pesquisas sobre o anarquismo que transitam do anticolonial em direção ao (de)colonial. O entendimento de que o anarquismo operou sempre numa perspectiva anticolonial já podia ser evidenciado nas obras clássicas de Reclus e de Kropotkin, cujas abordagens sobre a agência dos povos colonizados, desde o século XIX, difere diametralmente da abordagem marxista de Engels, que via de modo positivo o processo civilizador e disciplinador ocidental.<sup>76</sup> Portanto, a produção historiográfica anarquista na perspectiva anticolonial não é nenhuma novidade, e no caso da América Latina, por exemplo, a obra de Silvia Rivera Cusicanqui, mostrando as práticas das mulheres indígenas bolivianas como uma prática descolonizadora libertária, antecede a perspectiva decolonialista que emergiu com Anibal

73 GALEANO Diego; ALBORNOZ Martin. Anarquistas y policías en el atlántico sudamericano: una red transnacional, 1890-1910. **Boletín del Ravignani**, Buenos Aires, n. 47, p. 101-34, 2017. Disponível em: <http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/ravignani/article/download/11080/9900>. CUNHA, Eduardo A. S. Editar a revolta: a edição e a circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905). 2018. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018 (e o doutorado em andamento sobre a circulação e recepção do anarquismo na Argentina e no Brasil). Recentemente o dossier “Anarquismo en América Latina. Historias y conexiones (1890-1940)”, organizado por Angela Roberti e Ivana Margarucci; e direcionado aos estudos sobre a construção das redes e circulação de anarquistas na América Latina, “Introducción al dossier”, **Americania**, revista de estudos latino-americanos da Universidade Pablo de Olavide de Sevilha, Espanha, n. 17, p. 4-10, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46661/americania.8280>. ROMANI, Carlo; BENEVIDES, Bruno. The ‘Italian Anarchists’ Network in São Paulo at the Beginning of the Twentieth Century. In: JACOBI, Frank; KEßLER, Mario. **Transatlantic Radicalism: Socialist and Anarchist Exchanges in the 19th and 20th Centuries**. Liverpool: LUP, 2021.

74 CORRÊA, Felipe. **Teoria e história anarquista em perspectiva global**. ITHA, 2019. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/felipe-correa-teoria-e-historia-anarquista-em-perspectiva-global>.

75 LEVY, Carl; ADAMS, Matthew S. (ed.). **Palgrave Handbook of Anarchism**. Cham: Palgrave, 2019. Disponível em: <https://zlib.pub/book/the-palgrave-handbook-of-anarchism-1sb5fsm8mog0>.

76 Proudhon, com sua proposta federalista, Elisée Reclus, com sua geografia universal, mas, principalmente, Kropotkin, ao teorizar a ideia de apoio mútuo, já pensavam as formas de solidariedade humana numa perspectiva local e transnacional, sem o serem enunciadas dessa forma. Veja-se GIRÓN SIERRA, Álvaro. Piotr Kropotkin: una lectura transnacional de Darwin. In: **Piotr Kropotkin y el debate sobre la naturaleza humana**. La contribución de la cooperación en la evolución de nuestra especie. Madrid, 2019. Disponível em: <https://digital.csic.es/bitstream/10261/209400/1/Giron-2019-Piotr%20Kropotkin.pdf>.

Quijano e Walter Mignolo.<sup>77</sup> Mais do que os estudos acadêmicos relacionando a teoria libertária à prática indígena, foi a entrada em cena, no ano de 1994, de forma pública, do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN, em Chiapas, que sinalizou para a aproximação entre as lutas indigenistas e as autonomistas. A compreensão teórica das formas pretéritas da organização indígena como de caráter horizontal, autonomista e anti-hierárquica veio ao encontro do entendimento histórico que se tem sobre o anarquismo e das novas abordagens trazidas por autores como Graeber e Uri Gordon.<sup>78</sup>

Assim, tradicionalmente, os estudos sobre o anarquismo já vinham sendo realizados numa perspectiva anticolonial e antirracista desde o século passado.<sup>79</sup> O que talvez pudesse ainda ser motivo de crítica era o fato dessa perspectiva ser percebida predominantemente a partir da difusão europeia do movimento anarquista, sem levar muito em conta a agência das populações nativas coloniais, como indica o duro artigo escrito por Surreya Evren.<sup>80</sup> Isto levou a um aprofundamento da desconstrução colonial na mais recente produção historiográfica do anarquismo.<sup>81</sup> Entretanto, a marca mais recente da decolonialidade atinge mais diretamente os estudos envolvendo as populações negras ou afrodescendentes, em grande medida influenciadas também pela reinterpretação foucaultiana trazida pela ideia de necropolítica em Achille Mbembe.<sup>82</sup> No Brasil, Wallace de Moares dirige uma revista especificamente voltada aos estudos sobre o anarquismo, baseados na perspectiva decolonial, e nos últimos anos houve um significativo incremento da produção nacional nessa perspectiva, particularmente no que concerne à negritude.<sup>83</sup>

Concluindo este balanço, não se pretendeu aqui uma análise exaustiva da produção anarquista, nem o seria possível em um único artigo, mas indicar os estudos que podem ser considerados balizas historiográficas para dois momentos distintos da produção nacional: a primeira, entre as décadas de 1970 a 1990, e a segunda, neste novo século. A análise efetuada, em consonância com a produção global sobre o anarquismo, procurou indicar os tipos de abordagem de cada período trabalhado, relacionados às questões teórico-

77 RIVERACUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

78 Uma excelente análise desse fenômeno foi trazida por BRANCALEONE, Cássio. **Teoria Social, democracia e autonomia**: uma interpretação da experiência de autogoverno zapatista. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

79 ASHANTI, Alston. "Black Anarchism": **Perspectives on Anarchist Theory**. 2004. PARSONS, Lucy. Speech to the IWW in 1905. In: **A Lifelong Anarchist! Selected Words and Writings of Lucy Parsons**. Editado por Travis Greer. Colorado Springs: Ignacio Hills Press, 2010. VAN DER WALT, Lucien. Negro e vermelho. Anarquismo, sindicalismo revolucionário e pessoas de cor na África Meridional nas décadas de 1880 a 1920. **Mundos do Trabalho**, v. 2, n. 4, p. 174-218, 2010.

80 EVREN, Süreyya. Black Flag White Masks: Anti-Racism and Anarchist Historiography. **Affinities: A Journal of Radical Theory, Culture, and Action**, v. 8, n. 1, p. 23-43, 2014.

81 Com o já mencionado livro de Carlos Taibo, ou a proposta elaborada por GALIÁN, Laura. Hacia un estudio decolonial del anarquismo. Perspectivas comparadas de Egipto y Túnez. **REIM, Revista de Estudios Internacionales Mediterráneos**, Madrid, n. 18, 2015.

82 Um bom exemplo da produção contemporânea nessa perspectiva é o texto de BEY, Marquis. **Anarcho-Blackness**. Notes Toward a Black Anarchism. Chico: AK Press, 2020.

83 A revista dirigida especificamente aos estudos libertários e decoloniais pode ser acessada em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/read>. MORAES, Wallace. As origens do negro-racista-estado no Brasil – crítica desde uma perspectiva decolonial & libertária. **Revista Estudos Libertários - REL**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/39358>.



-metodológicas prementes em cada época. Espera-se que o que foi aqui exposto, sobre as transformações da produção historiográfica anarquista e sobre a história do anarquismo nos últimos 50 anos, tenha contribuído para um melhor entendimento de como se construiu o campo do objeto. De estudos gerais conectados ao movimento operário e à grande migração internacional da virada do XIX para o XX, aos múltiplos estudos específicos, uma polifonia de diferentes agentes sociais na história. De uma produção autônoma da primeira historiografia até meados dos anos 1980, a uma sobredeterminação da análise marxista nos estudos que envolveram o movimento operário nas décadas seguintes. Desde então, um paulatino distanciamento metodológico do marxismo com ampliação das análises micro-históricas dos poderes e, mais recentemente, a tentativa de formulação de uma epistemologia anarquista, de caráter mais abrangente e que ultrapasse a própria dimensão histórica do anarquismo, como se evidencia nas obras de David Graeber e Uri Gordon. O campo de estudos, portanto, encontra-se em aberto, assim como as diferentes pesquisas que estão sendo produzidas, inclusive com abordagens e metodologias diferentes dentro do mesmo campo anarquista, como aquelas que seguem a teoria proposta por Lucien Van der Walt. O que o artigo de fato procurou demonstrar é a força da produção historiográfica sobre o anarquismo e a capilaridade dos agentes sociais envolvidos, muito além do que historicamente se convencionou chamar de anarquismo. Daí nossa preferência pelo uso do termo “cultura libertária”, não como mero sinônimo de anarquismo, mas como uma substituição lexical capaz de promover um deslocamento de sentido, ampliando-o para atender uma prática que ultrapassa as origens históricas e geográficas do próprio movimento e manifesta-se contrária aos mais diferentes tipos de autoritarismos.

Recebido: 30/12/2023

Aprovado: 28/02/2024